**4º DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO C)**

Santa Martina, mártir; Santa Jacinta Marescotti, religiosa; Beato Bronislao Markiewicz, sacerdote

*Jer* 1,4-5.17-19; *Sal* 70; *1Cor* 12,31-13,13; *Lc* 4,21-30

*A minha boca proclamará a vossa salvação*

**COMENTÁRIO**

*Um cumprimento “dramático”*

A primeira frase do Evangelho de hoje repete a última frase do texto do Evangelho que ouvimos no domingo passado, na qual Cristo anuncia solenemente o cumprimento da passagem bíblica do profeta Isaías relativa à identidade e missão evangelizadora do Ungido de Deus. As duas passagens que ouvimos têm uma unidade de pensamento teológico que exalta o cumprimento da Palavra de Deus na pessoa de Jesus e no “hoje” místico da salvação divina para a humanidade. Este cumprimento das Escrituras, vitoriosamente proclamado anteriormente, atinge agora, hoje, o seu clímax no drama da rejeição de Jesus pelos Seus concidadãos. Neste drama, alguns detalhes “dramáticos” são esclarecedores, introduzindo-nos no mistério da adversidade e da oposição perante o Missionário do Evangelho.

1. «*Não é este o filho de José*?» Esta pergunta dos habitantes de Nazaré tem o sabor de escárnio ou mesmo de desprezo e tem origem no seu conhecimento do baixo estatuto da família de Jesus. A mudança do maravilhar-se «das palavras cheias de graça» de Jesus para uma total falta de estima ou mesmo incredulidade é bastante abrupta, mas não inteiramente ilógica. É o clássico argumento *ad personam*, utilizado para desacreditar o interlocutor quando este não pode ser contestado quanto ao conteúdo da tese em questão. Aqui, na sinagoga de Nazaré, o objectivo é semear a discórdia contra a auto-revelação da identidade divina, messiânica, de Jesus. Como o Papa Francisco observou com fineza psicológica (cf. Meditação matinal na capela da Domus Sanctae Marthae, *A ameaça dos boatos*, Segunda-feira, 2 de Setembro de 2013), bastava que alguém na multidão levantasse uma questão «que insinuasse o cancro da inveja» e a partida estava ganha. O “mexerico” espalhou-se imediatamente à velocidade da luz por toda a assembleia, e assim se punha em dúvida a origem sobrenatural da pessoa de Jesus. Do ponto de vista exegético, é curioso e ao mesmo tempo significativo que esta questão ressoe novamente na boca dos judeus contra a pretensão de Jesus de ser “o pão que desceu do céu”: «Este não é Jesus, o filho de José? Não conhecemos nós o pai e a mãe? Como é que agora diz: “Eu desci do céu”?» (*Jo* 6,42).

Não me surpreende, por isso, a rebelião do povo de Nazaré contra Jesus, a sua pessoa e missão; algo que continua a acontecer ainda “hoje”, e até é mais intenso e terrível na era da Internet com a chamada *cultura do cancelamento* (“the cancel culture”, em inglês). Surpreende-me, no entanto, a reacção de Jesus a tal oposição. Ele não tentou agradar ao público, apaziguando-o talvez com alguma explicação mais aceitável, algumas palavras de *captatio benevolentiae*. Pelo contrário, o Missionário consagrado por Deus confronta a revolta com franqueza, revelando outras verdades incómodas, quase como se quisesse chegar fogo à atmosfera já muito quente. Aqui, por um lado, vemos que em Jesus se cumpre o que Deus pede ao Seu profeta nas Escrituras, como ouvimos na primeira leitura: «antes que saísses do seio de tua mãe, Eu te consagrei / e te constituí profeta entre as nações. / Cinge os teus rins e levanta-te, / para ires dizer tudo o que Eu te ordenar. / Não temas diante deles.» Por isso, Ele não vacila diante da oposição, mas redobra a dose! Por outro lado, Jesus recorda o drama de Israel, o povo escolhido, marginalizado na história por causa da sua incredulidade, enquanto os “pagãos” receberam a salvação de Deus através dos profetas Elias e Eliseu, seu sucessor. As duas histórias recordadas, contudo, não têm uma intenção polémica contra Israel, mas simplesmente revelam a bondade de Deus que vai muito além dos confins geográficos e nacionalistas de Israel. Deste modo, aludem ao universalismo da salvação divina em Jesus, cuja vida se torna um cumprimento contínuo, fiel e abundante das promessas de Deus. Assim, as palavras do salmo responsorial são na realidade as do próprio Cristo, que as realiza e actualiza em cada momento da Sua existência e particularmente naquele “hoje” histórico e místico na sinagoga de Nazaré: «[Senhor] A minha boca proclamará a vossa justiça, / *dia após dia* a vossa infinita salvação. / Desde a juventude, Vós me ensinais, / e *até hoje* anunciei sempre os vossos prodígios.» Sim, “ainda hoje” Ele proclama as maravilhas do amor e fidelidade de Deus para todos os povos. E com Ele e n’Ele, os Seus discípulos-apóstolos de hoje são chamados a proclamar as *mirabilia Dei* (“maravilhas de Deus”), com *parresia*, agradem ou não a alguém, como no tempo de Jesus e dos primeiros cristãos.

2. «*Levaram-n’O até ao cimo da colina, [...] a fim de O precipitarem dali abaixo. Mas Jesus, passando pelo meio deles, seguiu o Seu caminho*.» Após um discurso quase provocador de Jesus em frente dos seus conterrâneos incrédulos, a indignação de “todos na sinagoga” era previsível e, portanto, a sua tentativa de O matarem. A reviravolta, contudo, ocorre no final com uma frase que soa bastante enigmática com um significado muito vago, quase suspensa no vazio: «Mas Jesus, passando pelo meio deles, *seguiu o Seu caminho*», ou literalmente, “Ele foi-se embora.” E para onde é que Ele foi? E como poderia Ele passar pelo meio daqueles que na sua ira O queriam lançar no precipício? Não sabemos. Contudo, é precisamente com esta imprecisão, que se abre um mistério importante na vida de Jesus, o ungido que Deus enviou a anunciar o Evangelho e a proclamar o ano da graça divina. É o mistério da rejeição do Missionário do Evangelho que recebe sempre o apoio de Deus nos momentos críticos. É interessante recordar aqui um episódio semelhante na vida de Jesus, como nos é contado no Evangelho de João: «Os judeus pegaram novamente em pedras para O apedrejar [Jesus]. [...] Procuravam, então, de novo prendê-lo, mas *Ele escapou-se das suas mãos*» (*Jo* 10,31.39). Acontece assim, simplesmente porque a Sua hora ainda não chegou.

À luz disto, a expressão vaga “Ele foi-se embora” ou “seguiu o Seu caminho” no final do confronto em Nazaré adquire um profundo significado teológico: Jesus começa aqui, ou melhor, continua o caminho traçado pelo Pai para Ele e para a Sua missão, que O levará a Jerusalém no tempo estabelecido por Deus. Vê-se que este caminho de Jesus que leva a boa nova da salvação de Deus passa por Nazaré, apesar da rejeição dos que se encontram na sinagoga. Pelo que o evangelista Marcos diz, mesmo «não podendo fazer ali nenhuma acção poderosa» por causa da sua incredulidade, ainda assim Jesus «curou alguns enfermos, impondo-lhes as mãos» (cf. *Mc* 6,5). Quem acredita em Jesus obtém a graça divina, mesmo que viva num ambiente onde todos os outros O rejeitam. Aliás, onde abunda o pecado, superabunda a graça, como nos ensina o Apóstolo Paulo, que viveu também uma experiência semelhante em Atenas: após a sua pregação do Evangelho no Areópago, todos zombaram dele, mas no final, «alguns, porém, se uniram a ele e abraçaram a fé» (cf. *Act* 17,34). Portanto, sustentados pela graça divina, os missionários fiéis a Deus, como Jesus, continuam o seu caminho missionário com determinação no meio da adversidade, rejeição e fracasso, mantendo sempre o coração cheio de caridade divina para com todos, incluindo aqueles que dificultam e rejeitam o Evangelho. (Não é por acaso que na oração, vulgarmente chamada de «Colecta», antes da Liturgia da Palavra de hoje, pedimos a Deus precisamente a graça de amar todos os homens com a caridade de Cristo, essa caridade sublime que «tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» [Leitura II, *1Cor* 13,7]).

3. *Sancta Maria Tremoris*. Assim se chama em latim a pequena capela construída perto da “orla da montanha” em Nazaré. O seu nome, traduzido como “Santa Maria do Tremor”, alude ao facto lendário de Maria, a mãe de Jesus, ter estado ali, naquele lugar, seguindo com medo e angústia o drama do seu filho ser levado pelos nazarenos indignados até à beira da montanha. Trata-se de uma lenda, que não é totalmente enganadora, uma vez que ela seguiu Jesus até à cruz. Naquele momento em Nazaré, por causa da “multidão enlouquecida”, Maria só podia estar à distância do seu Filho, mas é precisamente isto que intensifica a sua experiência dele num momento crítico: estão fisicamente distantes, mas espiritualmente unidos.

Esta imagem sugestiva de Maria torna-se emblemática do seu constante cuidado e preocupação com o seu Filho na aventura missionária, especialmente nos momentos dramáticos. Tal como o coração materno de Maria cuidava de Jesus, assim também cuidará dos discípulos que continuam a missão do seu Mestre. Podem ter a certeza da proximidade atenciosa de Maria na sua missão, especialmente quando têm de enfrentar os vários “dramas” da vida. Que se lembrem deste amor e amparo da Mãe e recorram a ela para pedir ajuda e intercessão na adversidade. Que não se cansem de repetir sempre a breve mas eficaz invocação com que o Papa Francisco conclui a sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2022: *Maria, Rainha das Missões, rogai por nós!*

*Citações úteis:*

«Por isso, na evangelização, caminham juntos o exemplo de vida cristã e o anúncio de Cristo. Um serve ao outro. São os dois pulmões com que deve respirar cada comunidade para ser missionária. Este testemunho completo, coerente e jubiloso de Cristo será seguramente a força de atração para o crescimento da Igreja também no terceiro milénio. Assim, exorto todos a retomarem a coragem, a ousadia, aquela *parresia* dos primeiros cristãos, para testemunhar Cristo, com palavras e obras, em todos os ambientes da vida». (Papa Francisco, Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2022, «Sereis minhas testemunhas» [*Act* 1,8])

«Algumas pessoas não se dedicam à missão, porque crêem que nada pode mudar e assim, segundo elas, é inútil esforçar-se. Pensam: «Para quê privar-me das minhas comodidades e prazeres, se não vejo algum resultado importante?» Com esta mentalidade, torna-se impossível ser missionário. Esta atitude é precisamente uma desculpa maligna para continuar fechado na própria comodidade, na preguiça, na tristeza insatisfeita, no vazio egoísta. Trata-se de uma atitude autodestrutiva, porque «o homem não pode viver sem esperança: a sua vida, condenada à insignificância, tornar-se-ia insuportável». No caso de pensarmos que as coisas não vão mudar, recordemos que Jesus Cristo triunfou sobre o pecado e a morte e possui todo o poder. Jesus Cristo vive verdadeiramente. Caso contrário, «se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação» (*1Cor* 15,14). Diz-nos o Evangelho que, quando os primeiros discípulos saíram a pregar, «o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra» (*Mc* 16,20). E o mesmo acontece hoje. Somos convidados a descobri-lo, a vivê-lo. Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia». (Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, no.275)

«Lembremo-nos: a Palavra de Deus transforma um dia comum no hoje em que Deus nos fala. Portanto, peguemos no Evangelho, cada dia uma pequena passagem para ler e reler. Levai o Evangelho no bolso ou na bolsa, para o ler em viagem, a qualquer momento, lendo-o calmamente. Com o tempo descobriremos que estas palavras são para nós, para a nossa vida. Ajudar-nos-ão a aceitar cada dia com uma perspetiva melhor e mais serena, porque quando o Evangelho entra no hoje, enche-o de Deus. Gostaria de vos fazer uma proposta. Nos domingos deste ano litúrgico é proclamado o Evangelho de Lucas, o Evangelho da misericórdia. Por que não o ler também pessoalmente, na íntegra, um pequeno trecho por dia? Um pequeno trecho. Familiarizemo-nos com o Evangelho, trar-nos-á a novidade e a alegria de Deus!» (Papa Francisco, *Angelus*, Praça São Pedro, Domingo, 23 de janeiro de 2022)